

VIMARANENSE

Semanário político, literário e noticioso, órgão do Partido Evolucionista

Director, proprietário e editor — Custódio dos Santos Lima Guimarães

PREÇO DA ASSINATURA

Ano, sem estampa	1\$20
Semestre, idem	660
Ano, com estampa	1\$50
Semestre, idem	75
Africa e Brasil, por ano (moeda forte)	2\$25
Número avulso	50

Redacção, Administração, composição e impressão
Rua Elias Garcia, 43 (antiga rua de Santa Maria)

PUBLICA-SE ÀS SEXTAS-FEIRAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, por linha	206
Repetição dos mesmos	702
Anuncios permanentes, contracto especial	
As obras literarias annunciam-se gratis, recebendo-se na redacção um exemplar.	
Os autógrafos, sejam ou não publicados, não se restituem.	

AMIGOS DOS DIABOS...

Do nosso excelente colega e mestre a *República*, de Lisboa, transcrevemos, com a devida vénia e reduzido um pouco, este artigo de muita oportunidade e bom-senso.

Os monárquicos estão evidentemente prestando um péssimo serviço a este governo com os calorosos aplausos que lhe dispensam, com os ares de conselheiros com que o tratam e até com a solicitude com que se arvoram em seus esbirros.

Não ha dúvida que o governo tem nos monárquicos uns amigos dos diabos... E' ler todos os dias os seus jornais.

Um dia destes o «Diário Nacional» (seria para tornar-se agradável ao governo?) comparava a situação política, que atravessamos, á situação que levou a Inglaterra ao restabelecimento da Monarquia depois duma efémera República.

Não é preciso mais nem melhor para documentar o pensamento monárquico neste momento. Nesta extraordinária comparação do órgão officioso dos realistas está nitidamente expresso seu pensamento.

Mas ha mais.

Com a sua extravagante atitude perante o actual gabinete, os monárquicos criaram um equívoco tremendo que não se sabe ainda como ha de desfazer-se, mas que é de molde a encher de apreensões o coração de todos os homens de ordem e de todos os bons portuguezes, — equívoco que a toda a hora procuram alimentar e agravar. E' ler os seus jornais.

As suas gazetas, (onde se pôde verificar que, em letra redonda, nunca se desceu tanto) não só insultam e caluniam infamemente as mais illustres figuras da República, como instigam o governo a perseguir republicanos, apontando-lhe até, como ainda ha pouco fez a «Monarquia» em relação ao nosso jornal, aqueles sobre quem deve vercer violências.

Um dia destes, unicamente para aliar o equívoco, o «Diário Nacional» chegava até a lembrar ao sr. Sidónio Pais, com ares protectores, que... o seu triumpho fôra devido aos monárquicos.

Só desordeiros profissionais podem ter assim interesse em alimentar e agravar este equívoco. Só um ódio desvairado, numa hora destas, pôde explicar a attitude dos monárquicos.

No meio de toda esta grande confusão ha uma coisa que se vê claramente e que não escapa ás intelligencias mais curtas: é que o governo, para cumprir a sua missão republicana e guerreira — missão que o sr. Sidónio Pais se im-

poz logo nas primeiras proclamações que, ainda fumegante da pólvora da Rotunda, lançou ao país — tem nestes monárquicos uns amigos dos diabos...

Como se comprehende o apoio caloroso e entusiástico dos monárquicos ao governo se elles, ao mesmo tempo que o incensam, que o aplaudem, que o instigam, proclamam, com mais força do que nunca, que a República faliu completamente?

Então elles não vêem no sr. Sidónio Pais o chefe dum governo republicano, que está cumprindo uma missão republicana?

Se vêem assim o sr. Sidónio Pais, como se explica o seu entusiasmo que tanto contrasta neste momento com a opressão do espirito republicano?

Então, se o sr. Sidónio Pais está, como tem afirmado nos theatros e noutros logares públicos, depurando o regimen, salvando a República, como se percebe que os monárquicos tanto o aplaudam?

Não lhes conviria mais que a República fôsse uma coisa desacreditada, imoral, abominável?

No meio da grande confusão em que se tem vivido, ha cerca de mês e meio, nós vemos que os monárquicos se julgam hoje os donos deste país, arvorados em esbirros e conselheiros do governo; nós vemos que os monárquicos, ao mesmo tempo que incensam o sr. Sidónio Pais e consideram a sua missão salvadora, dão a República como perdida, no que ha, pelo menos, uma grande incoerencia; nós vemos que são os monárquicos, com a bandeira verde e vermelha ainda hasteada nas fortalezas e nos quartéis de Portugal, que instigam o governo a perseguir e a vexar os velhos republicanos. Vemos tudo isto e não comprehendemos nada, a não ser que ha no meio de tudo um tremendo equívoco.

Estamos convencidos de que o governo, para cumprir a sua missão republicana, encontrou nos monárquicos uns amigos dos diabos, que muito o estão comprometendo.

Aniversários registáveis

Fazem anos, desde 1 a 8 do corrente:

As ex.^{mas} sr.^{as}:

- Dia 1 — D. Zulmira Pereira de F. Pires.
- " 2 — D. Angelina Infante.
- " 4 — D. Rosa Soares Teixeira.

E os sr.s:

- Dia 2 — Visconde do Paço de Nespereira;
- " 4 — Francisco Joaquim de Freitas.
- " 3 — Dr. Eduardo de Almeida Júnior.
- " 5 — António J. da Costa Braga.

RESTABELECENDO A VERDADE

(As minhas primeiras palavras sobre Rovuma e Newala)

(CONTINUAÇÃO)

Os célebres telegramas

Telegrafei ao sr. general Gil, pedindo-lhe que iniciasse a offensiva. No relatório vem estampados dois telegramas meus. O primeiro é de 13 de agosto e comunicava ao sr. Gil «que o governo considerava necessario que se iniciasse a offensiva o mais rapidamente possível, para não correremos o risco de chegar tarde ou ser inutil a nossa acção, determinando-lhe que assim procedesse na medida do possível». (Relatório pag. 99).

O sr. general respondeu-me apresentando as dificuldades que tinha para avançar. Respeitei essas razões e não insisti.

No dia 4 de setembro, telegrafei novamente ao sr. general dizendo-lhe: «O governo entende será consideravelmente diminuido o nosso prestigio de nação beligerante e prejudicados os nossos interesses de nação colonial se não se realizar, quanto antes, uma offensiva contra alemães, invadindo decisivamente o territorio além Rovuma. A Inglaterra sente necessidade e formula desejos da cooperação immediata e energica das forças do seu comando. Sei que não tem avançado por falta de elementos, mas agora que devem ter chegado cavalos e camions, estou certo que fará tudo quanto possível no sentido indicado.» (Relatório pag. 106).

Devo advertir que no relatório do sr. Gil este telegrama está incompleto. Na copia que possuo e que é a reprodução exacta do que foi entregue no telegrafo, explicitamente dizia ao sr. Gil que o governo continuava a depositar em s. ex.^a plena confiança.

Por este telegrama se vê que eu não obrigava o sr. Gil a avançar. Uma vez dizia-lhe que o fizesse na medida do possível, e da outra incitava-o a marchar em virtude de razões internacionais superiores e na hipótese de ele já ter em seu poder os cavalos e camions de que carecia e tudo isto na medida do possível e ainda com a affirmação de que o governo continuava a ter plena confiança no sr. general, o que o deixava perfeitamente á vontade para avançar ou não. E tanto assim foi que s. ex.^a não avançou, limitando-se a responder que o faria o mais depressa possível, — mal estivesse de posse dos elementos indispensáveis para iniciar a marcha.

Até aqui, pois, não houve a menor violencia sobre o sr. general Gil. De Lisboa eu participava ao sr. Gil que era preciso andar depressa, para não perdermos o nosso prestigio e assegurarmos o bom exito da nossa acção que tanto sacrificio em vidas e dinheiro estava custando.

O sr. general Gil por seu turno dizia-me: «Queira esperar; tinha muita vontade de me pôr em marcha; hei de fazê-lo o mais cedo que

possa, mas, em todo o caso, só depois de ter os elementos indispensáveis.»

Era, acho eu, uma situação corrente. Não me parece que assente bem na minha frente o estigma de assassino, nem (peço que se vê) eu condenei ninguém á morte. Pelo contrario, fui um ministro ponderado, na posse permanente de um grande sangue frio, ouvindo e respeitando os conselhos dos técnicos, dando indicações ao comandante do corpo expedicionario, indicações que me eram ditadas pelos mais sagrados interesses da minha Patria, mas pedindo a execução delas só na medida do possível, ao mesmo tempo que salvaguardava a liberdade de acção do sr. Gil, manifestando-lhe a minha plena confiança.

E essa confiança era tão grande que, como se vê do relatório, pag. 107, ainda a respeito de um outro telegrama de 6 de setembro em que era comunicado ao general que o governo inglês instava pela nossa immediata offensiva, s. ex.^a se declara «na plena posse da confiança do governo.»

Nesta altura, porém, deu-se a intervenção do dr. Afonso Costa que me substituiu na gerencia da pasta das colónias, enquanto fui tratar, no Gerez, da minha saúde profundamente abalada.

Eis o telegrama que o meu illustre colega no governo expadiu logo de entrada: «O governo sabe que v. ex.^a tem já á sua disposição os meios de transporte suficientes para avanço immediato das tropas portuguezas, cabendo-lhe resolver se pôdem seguir já todas ou somente algumas. E' indispensável não esperar o desembarque dos navios nem a chegada de mais camions, para começar a offensiva, porque carece evitar que a guerra acabe estando ainda si parados. Seria uma vergonha para o exercito e um desprestigio para a Patria. Em circunstancias apertadas como as actuais, deve-se avançar em quaisquer condições. O conselho de ministros confia na sua energica attitude e pede comunique o que se vai fazer e dê constantemente noticias sobre a acção das nossas forças.»

O relatório diz bem claramente que este telegrama é do ministro Interino das colónias. Mas na furia de me denegrirem a reputação, quasi todos os jornais o commentaram como se elle fôsse da minha lavra!... Não houve porém no facto, premeditado revoltantemente, a menor inconveniencia. Eu concordo plenamente com aquê telegrama feito na minha ausencia. E não concordo com elle só por solidariedade ministerial, mas tambem por espirito de justiça, que folgo em assegurar ás pessoas que me lêem no momento em que o dr. Afonso Costa, há tanto tempo preso e incomunicável contra todos os principios republicanos, não pôde, de

facto, do seu carcere de vencido dar aos que o atacam a resposta que merecem.

Este telegrama é sem duvida mais expresso, mais terminante, mais imperativo do que os meus. Mas o dr. Afonso Costa não deixou de ter fortes razões para assim o redigir.

As mesmas razões, que eu tive para recomendar ao sr. general Gil presteza e diligencia no avanço, teve-as o dr. Afonso Costa, mas reforçadas. Daí a maior energia que elle pôs no seu telegrama. E depois que inconveniente se produziu com aquela ordem terminante? Nenhum. E pela razão bem simples de que o sr. general, em resposta immediata, mandou dizer ao dr. Afonso Costa que «não tinha naquele momento os meios para avançar, pois ainda se estava desembarcando material de guerra, para a artilharia, para as metralhadoras e para a infantaria sem o qual estas armas não podiam mover-se». E acrescentava que «se trabalhava incessantemente para atravessar o Rovuma no dia 17 e immediato, seguindo depois a columna na direcção de Mikindane e Lindi». (Relatório pag. 108.)

Quere dizer: o sr. general Gil não se deixou impressionar pelo telegrama do dr. Afonso Costa e como estava trabalhando para passar o Rovuma em 17 de setembro, nessa disposição continuou, sem a menor alteração de programa e em termos que de facto, não a 17, mas a 19, atravessou o rio, iniciando assim a offensiva.

Analiseemos os factos com reflexão. Ninguém ignora que em toda a campanha ha sempre a parte politica e a parte militar. Quando, sob o ponto de vista politico se dá uma ordem, ela subintende sempre a possibilidade, pela parte militar, da sua execução. Se o comandante do corpo expedicionario entendia que era impossivel cumprir as determinações do dr. Afonso Costa, só tinha uma coisa a fazer: declará-lo. Se depois, ainda houvesse uma insistencia da parte do ministro, o general, não tendo maneira de fazer o que lhe indicavam com prestigio e proveito para as nossas armas, tinha outra coisa a fazer: demittir-se. Aqui as coisas, como se vê, ficaram na primeira parte, não sendo acatadas as ordens do dr. Afonso Costa.

Além disso é preciso acentuar que o dr. Afonso Costa estava, como toda a gente, convencido de que a guerra ia acabar cedo, e como bom patriota, queria valorizar o esforço das nossas armas e dar internacionalmente o maior rendimento, ás despesas enormes que haviamos feito com as expedições.

E tinhamos nós, o dr. Afonso Costa e eu, razão para acreditar num desenlace breve da campanha africana? Sem duvida. Não só, isto era matéria corrente nos circu-

los militares da Africa do Sul, mas coisa que todos acreditavam na propria Inglaterra. E, se houvesse duvidas, o general encarregava-se de as desfazer no seu relatório. Assim diz s. ex.ª, a pag. 60, que tendo na cidade do Cabo, em fins de junho, recebido a bordo a visita do general Tompson, governador daquela cidade, elle lhe declarára que, no seu pensar, toda a colônia alemã estaria submetida no mez de setembro. E, acrescentou Tompson, com isso contava absolutamente o general Smuths. Alguns dias depois, almoçando em Lourenço Marques com o governador geral, o sr. general Gil pôde ouvir a confirmação das opiniões de Tompson e Smuths da boca do consul inglês em Lourenço Marques, Mac Donell.

E ainda, na occasião em que o sr. Gil recebia o telegrama do dr. Afonso Costa, recebia outro do governador geral de Moçambique em que lhe dizia: «Informa o consul inglês que a campanha deve acabar no mez corrente. Chamo a atenção para a nossa situação, que exige acção rápida.» (Relatório, pag. 106.)

E que a Inglaterra pediu a nossa intervenção urgente na campanha, não há duvida. Eu o disse em telegrama já divulgado na imprensa, não sendo portanto responsável pela publicidade, mas mais eloquente para o comandante do corpo expedicionário deve ter sido o spello do general Smuths, que aquelle recebeu em 8 de julho, mal tinha desembarcado em Palma.

Numa mensagem, o celebre militar insinuava ao sr. general Gil a «vantagem de avançar sem demora.» (Relatório, pag. 79.)

«isto passava-se em 8 de julho, muito antes das instancias minhas e do dr. Afonso Costa, que foram feitas em agosto e setembro!...

Por esta exposição portanto se vê que, se nenhum sangue caiu sobre a minha cabeça, nenhum caiu tambem sobre a do dr. Afonso Costa. E mais se reconhece que tanto elle como eu procedemos avizada, cautelosa e dignamente no honroso intuito de salvar, a tempo e horas, o prestigio portuguez, fazendo-o cair com o seu maximo peso na balança onde se estão avaliando os nossos destinos na Africa Oriental.

(Continua.)

Dr. Luiz Martins (Aldão)

Ao noticiar-se no ultimo numero deste semanario a partida para Torres Vedras do sr. dr. Luiz Ribeiro Martins da Costa, disse-mos que o nosso distinto conterraneo desempenhava naquella terra o cargo de notario-ajudante, quando é verdade s. ex.ª exercer—com superior inteligencia, por signal— as funções de advogado-notario. Fazendo esta rectificação, apresentamos ao nosso illustre amigo as mais respeitadas desculpas.

1.º de Fevereiro

Passa nesta data o decimo anniversario da morte do Sr. D. Carlos de Bragança e do seu inditoso filho D. Luiz Filipe.

Comemorando o lugubre acontecimento, os nossos colegas locais «Comercio de Guimarães» e «Ecos de Guimarães» mandam celebrar missas em sufrágio das almas das régias vítimas.

Juventude Católica de Guimarães

Esta simpática colectividade, composta de excelentes rapazes, acaba de fechar suas contas com um saldo de 62\$00 escudos.

E vão lá dizer que não foi optima a reeleição do rev. padre Maia dos Santos para este ano de 1918!

Officina de S. José

No dia do seu glorioso protector, no proximo março, os *artista-zinhos* desta prestimosa casa de educação e ensino mudam, qual bando de inocentes pombas, do seu actual viveiro para o velho casarão que outrora foi convento das Capuchinhas da Madre de Deus, ao Campo da Feira.

Não vai corrido, não, da sua pousada da Costa, o amavel bando de rapazinhos, pois, todos levam um carinhoso abraço de despedida do seu grande e generosissimo amigo e bemfeitor, sr. António Leite de Castro, que a coroar mil benemerencias lhes cede, ainda por dois anos, a renda do edificio em que satisfeitos vivem.

Felicitando a benemerita Comissão administrativa e a digna Direcção, fazemos votos para que o Santo Carpinteiro de Nazaré inspire os favorecidos da fortuna a tomarem sob seus olhares compassivos, tanto os orfãosinhos como a sua nova morada, tão carecida de urgentes concertos.

AGUA!!

Continua a ser muito deliciosa e abundante... em Marrocos!

Parece até que para lá foi o fontenário do Largo da Oliveira e o *naviz* do inditoso da estrada de Fafe, mesmo perto de Roma.

No Largo do Dr. Sidónio Pais, ha tambem um *desgraçadinho* que inspira compaixão!

E é de marmore, o infeliz! Valha-nos ao menos o pai Noé!

Lançamento de contribuições

Acham-se patentes na secretaria municipal, ao exame dos contribuintes, os lançamentos das contribuições predial, rustica, urbana, industrial, sustustria, juros, ordenados e outros rendimentos isentados das contribuições do Estado, que hão de constituir receita do corrente ano.

Inspector escolar

Por despacho ministerial de 26 do corrente mês foi mandado reasumir o exercicio das suas funções o nosso presado amigo sr. Ribeiro de Miranda, injustamente desligado do serviço pelo ministro do governo transacto.

Congratulamo-nos com este acto de justiça de ha muito esperado.

AVA ANTIGA GUARDASOLARIA CARVALHO

Executam-se todos os concertos

Ao Guardasol Elegante!
154, R. Republica, 160-Guimarães

Senhora da Luz

Na sua capelinha, sita na freguezia de S. Miguel de Creixomil, suburbios desta cidade, festeja-se amanhã, a imagem da Senhora da Luz, havendo de tarde arraial e musica.

Gêneros baratos...

Continuam cada vez mais, louvores ás santas companhias seguradoras e á nenhuma vontade de nós todos nos reunirmos em comicio público.

Alcançada a precisa licença, vamos aí para qualquer largo e... *bemdigamos de todos os açambarcadores*, principiando pelos azeiteiros e padeiros e terminando pelas *zelosas* leiteiras, algumas das quais nem *água limpa* sabem usar!

A sina verdadeira... (?) tirada por um coelhinho!!

Relêvem-nos que para o proximo numero contêmos como em terra de *espíritos fortes* ainda há quem, junto da praça do mercado, gaste uns *cóbres* com esta *cantilena* de efeitos mágicos!...

CONCERTO

Na proxima segunda-feira, 4.ª pelas 8.30 da noite, realisa na Assembleia Vimaranesense, um concerto de piano, a simpática menina Margarida Policarpo, filha do sr. António Policarpo.

Acompanhá-la há a violino seu irmão António Policarpo Júnior.

Nos intervalos, o pai dos executantes recitará «O Fiel», poesia de Guerra Junqueiro e o monologo «Actor em apertos».

NECROLOGIA

Pelas 7-30 da tarde da ultima terça-feira, voou ao seio de Deus, confortado com os Sacramentos e rodeado por sua carinhosa familia, o sr. José Alves Ribeiro Gomes de Abreu, bondoso jovem a quem as inclemencias do exilio aliadas a uma depauperada constituição física fizeram victima da tuberculose.

Em menos de 2 anos, contando apenas 23 de idade, a fazê-lo hoje, vae abraçar na Eternidade seu tambem desventurado irmão Manuel, igualmente roubado a todos pela mesma incuravel doença.

O entérro saiu da rua Molari-nho, sendo acompanhado, além de muitos amigos da familia Gomes de Abreu, pelos socios da Juventude Católica, havendo sufrágios religiosos na Colegiada da Oliveira.

Cumprimentos á familia enlutada.

Na vila de Fafe, onde residia ultimamente, faleceu há dias o sr. António Joaquim de Souza Mourão, muito conhecido e considerado nesta cidade, onde dirigiu, durante largos anos, com muita proficiencia, a farmácia do hospital da Santa Casa da Misericórdia.

A estimada familia do saudoso extinto, especialmente a seu filho o sr. Alberto Mourão, hábil farmacêutico da mesma Santa Casa, apresentamos sinceras condolencias.

AO PÚBLICO

JOÃO Vasco Cardoso Guimarães, proprietário da mercearia de Traz de S. Paio e agente, nesta cidade, da casa de comissões e representações de José Bastos Zuzarte, de Lisboa, aceita encomendas de carimbos, facturas, cartões, etc., etc.

Módicidade de preços e rapidez na execução.

Comissão dos bens da Igreja

Tendo constado á Comissão Concelhia da Administração dos Bens do Estado em Guimarães, que alguém insidiosamente faz propalar o boato de que a referida Comissão não tem até hoje prestado contas da sua gerencia, venho, na minha qualidade de presidente da mesma Comissão, emprazar quem quer que seja a que, descobrindo-se do anonimato, prove a asserção do infamante *diz-se*.

O presidente da Comissão,
Abel Cardoso.

Náufrago do amor

(Conclusão)

Os perfumes da vegetação, as flores e as brisas, o gorgoejo harmonioso das aves, a atmosfera limpida e embalsamada, os arroios cristalinos a reflectirem o azul purissimo do céu, as árvores viçosas e copadas de folhagem cor de esmeralda, tudo isso concorria para dilatar os nossos corações: como complemento deste sublime conjuncto, tive a alegria inconcebível de saber que o fruto do nosso amor seria uma realidade.

Resolvemos então que Portugal fosse a nossa pátria adorada, ninho perfumado e revestido de arminho, para que no futuro, aquelle que eu já tanto amava pudesse com orgulho pertencer á terra cuja história está gravada em letras de ouro.

Os preparativos da viagem foram pouco demorados e para nos livrarmos de algum incomodo, mandei tomar um camarote no vapor «Cap Fenisterra», que no dia... de Setembro de 19...partia de Rotterdam para Portugal.

Chegamos á bela cidade holandeza mas pouco podemos apreciar os seus belos monumentos, porque o embarque se fez nesse mesmo dia, o que nos contrariou bastante, devido áquella que eu tanto amava se encontrar bastante fatigada não só da viagem como pelo seu estado físico. O mar conservou-se calmo como um lago e apenas alguns sintomas de enjoo se manifestaram na minha sempre adorada Marie, sintomas originados no seu estado e na atmosfera pe-

sada que se respira no interior dos vapores.

Chegados que fomos á embocadura da Mancha, mais se acentuavam os seus incómodos, sentindo-se recessa devido talvez á excitação nervosa de que estava possuida. Já de noite, o mar encapelou-se e não houve meio de a conter dentro do camarote. Amparei-a com o meu braço e subimos á coberta. Senti-a tremer sem poder advinhar o que lhe ia na alma. Eis senão quando, um colossal vagalhão veio partice-se na coberta, arrastando consigo o anjo dos meus sonhos, e ao mesmo tempo eu perdia os sentidos porque na queda batera desamparadamente com a cabeça de encontro á grade que formava o parapeito. Quando os recuperei, estava no beliche, e não vindo ao pé de mim aquella imagem querida, advinhei que o mar, o grande mar, a envolvera no seu lençol infinito para que nunca mais os meus olhos pudessem ver— sorrir quem para sorrir viveu.

Assim como o raio fende a rocha e dela irrompe a água cristalina, assim meu coração foi partido e sangra sem cessar até que a morte venha pôr termo a este martirio sem nome.

O meu pobre companheiro deitou-me um olhar tão enternecido, tão cheio de solimento, que jamais esquecerei a dor suprema que lhe li na alma.

Porto, 1918.

A. R. S. Mota.

Éditos de 30 dias

(2.ª publicação)

Pelo Juizo de Direito da comarca de Guimarães e cartorio do 5.º officio, correm éditos de 30 dias, a contar da segunda publicação d'este no *Diario do Governo*, citando os credores incertos de Tereza Joaquina dos Santos, solteira, que morou na freguezia de Oleiros, desta comarca, para apresentarem as suas reclamações no processo de arrecadação de herança, a que se procede por óbito da mesma.

Guimarães, 21 de Janeiro de 1918.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,

Santos.

O escrivão,

José Maria Baptista Ribeiro.

COMPANHIA CONFIANÇA PORTUENSE

Sociedade Anonima de Seguros Responsabilidade Limitada

Capital social...	Emitido.....	810.000\$00
	Por emitir.....	190.000\$00
	Escudos.....	1.000.000\$00

Sede: 20, rua Mousinho da Silveira, 22—PORTO

Correspondentes nas principais terras do país

Seguros contra fogo, raio, tumultos, grèves, roubos e guerra. Seguros marítimos, fluviais, agricolas e postais.

SEGUROS CONTRA MORTE E ACIDENTES DE ANIMAIS, A TAXAS REDUZIDAS

Sinistros pagos por esta Companhia:

Escudos 1.235.330\$98,2

Agente em Santa Marinha da Costa:

SILVANO PINHEIRO
RUA EGAS MONIZ, 32—GUIMARÃES.

Banco Popular Portuguez

Representante em Guimarães

JOSE JOAQUIM VIEIRA DE CASTRO

RUA DE S. DAMAZO—17

Vendem-se acções a 25\$00

Acceta dinheiro á ordem, faz descontos de letras, etc. Representação em todo o Paiz e no estrangeiro.